



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional  
Sub-eixo: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos.

## CONSERVADORISMO E SERVIÇO SOCIAL: DELINEANDO COMPREENSÕES

GESSYCA ANNE DA SILVA BARACHO<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo delinea algumas compreensões sobre conservadorismo e Serviço Social, a partir de autores que aprofundam a temática analisando natureza, forma como se manifestam na sociedade e as implicações, particularmente, para esta área de conhecimento. À luz da Teoria Social, serão apresentados argumentos acerca dos caminhos trilhados pela classe burguesa, no sentido de fortalecimento do ideal de conservação na sociedade, bem como sua especificidade em alguns campos. Nas conclusões destaca-se o desafio de defesa do Projeto Ético-Político profissional e as contribuições da Teoria Social ao Serviço Social, que tem na história processos de luta e direcionamento contrário a ordem vigente.

**Palavras-Chave:** Conservadorismo; Serviço Social; Teoria Social; Projeto Ético Político.

**Abstract:** This article outlines some understandings about conservatism and Social Service, from authors who deepen the theme analyzing nature, how they manifest in society and the implications, particularly, for this area of knowledge. In light of Social Theory, arguments will be presented about the paths taken by bourgeois class, in the sense of strengthening the ideal of conservation in society, as well as its specificity in some fields. The conclusions highlight the challenge of defending the Professional Ethical-Political Project and contributions of Social Theory to Social Service, which has in history processes of struggle and direction contrary to the current order.

**Keywords:** Conservationism; Social Work; Social Theory; Political Ethical Projeto.

### 1. INTRODUÇÃO

O conservadorismo vem se tornando um tema árduo tanto para a sociedade que vivencia suas objetivações quanto para a produção de conhecimento, muitas vezes mensageira de seus conteúdos. Em ambos os contextos, observa-se um embate que tem se intensificado e compõe a pauta de luta e resistência dos que defendem o sentido real da emancipação humana e assim, os confrontos podem ser identificados em diferentes pontos do âmbito mundial, onde a conservação tem se expressado nas mais variadas formas e campos da vida social.

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Pará. E-mail: <barachogessyca@gmail.com>

No Brasil o conservadorismo tem se manifestado de maneira perversa, considerando o contexto degradante de desigualdade social gerada pelo capitalismo, como expresso por estudiosos que tratam de desvelar a realidade nacional, a partir de análises totalizantes que permitem compreender a natureza deste modo de produção e a forma como se estrutura as políticas sociais na realidade brasileira.

Destaque é concedido às contribuições de áreas como o Serviço Social que, embora vivencie as influências da conservação no seu interior, tem participado deste enfrentamento com a defesa, por parte da categoria, de uma base teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa que permita compreender as essências dos fenômenos e fortalecer o Projeto Ético-Político construído ao longo de sua história como profissão no contexto brasileiro.

À luz do método da Teoria Social, o objetivo deste artigo é delinear algumas compreensões sobre as expressões do conservadorismo e suas influências no Serviço Social, a partir de referências, como, Coutinho (2010), Souza (2015), Yazbek (2009), Santos (2007) e Silveira Junior (2016) que se propuseram a estudar a temática, analisando as compreensões necessárias ao entendimento de suas naturezas, a forma como se expressam na sociedade e as implicações para o Serviço Social. Embora este ensaio apresente limitações quanto sua extensão e profundidade, sua construção caminhará de forma que o estudo traga um aspecto mais geral do contexto e particularize alguns pontos na área de conhecimento.

A proposta segue organizada em dois tópicos, em que o primeiro abordará as compreensões sobre o conservadorismo, evidenciado na discussão de autores que partem da análise sobre o rompimento com a tradição progressista e o segundo tratará de destacar as expressões conservadoras no Serviço Social, resgatando elementos da reflexão dos fundamentos históricos, teórico e metodológicos da profissão, bem como a compreensão da cultura pós-moderna no Serviço Social em tempos de crise. Ao final, serão apresentadas algumas considerações a título de conclusão do debate ora proposto.

## **2. COMPRESSÕES SOBRE O CONSERVADORISMO**

A temática do conservadorismo se apresenta como um elemento complexo que se manifesta na sociedade e incide nos diversos campos e relações. Na contemporaneidade é um debate que precisa ser compreendido e analisado, a partir da retomada de categorias centrais, a saber, o humanismo, a história e a razão dialética que permitem as mediações necessárias ao entendimento dos caminhos percorridos para a continuidade.

Inicia-se esta discussão destacando uma das contribuições expressas nos estudos de Coutinho (2010) ao refletir sobre a recuperação de um histórico que marca o rompimento com a tradição progressista, em especial, quando se trata da tarefa ideológica assumida pela burguesia revolucionária ao seguir numa trajetória inversa do alcance e manutenção da razão.

Esta reflexão permite chamar atenção para o contexto que já moldava a ideia de que a conservação estava relacionada a uma determinada classe. Para o autor “as filosofias da decadência ‘tiram vantagem de onde podem’ (Molière), ou seja, utilizam elementos filosóficos fetichizados num sentido oposto ao originário”. (COUTINHO, 2010, p. 24), o que permite pensar na concepção contraditória de que as mudanças para o “progresso” se encaminham para a manutenção, o que talvez possa ser proveitoso para a burguesia, no sentido de encaixe e ajuste de um ideal que necessita de alterações, porém com direções encaminhadas a conservação.

Partindo desse pensamento que apreende a importância ontológica dos núcleos categóricos, Coutinho (2010, p. 28) evidencia na burguesia, ainda enquanto classe progressista, uma dupla postura que ora circulava no campo da elaboração de conhecimento para compreender a realidade, ora deformando ideologicamente as categorias essenciais no entendimento deste processo, o que permite inferir acerca da face contraditória que já permeava na concepção desta tradição.

Para Coutinho (2010, p. 30) humanismo, historicismo e razão dialética, por se configurarem como instrumentos sustentadores da ética e da ontologia, apresentam-se como centros de investida do pensamento decadente na tendência de rompimento e assim, foram levadas a primeiro plano novas

categorias como o individualismo, a pseudo-historicidade subjetivista e abstrata e o irracionalismo.

A discussão do autor permite compreender de que forma o pensamento decadente foi substituindo as categorias essenciais por outros elementos que se distanciavam de um pensamento que permitia alcançar ideais de progressos possíveis e já conquistados pela classe burguesa. Período de acontecimentos significativos, 1848 é advertido por Coutinho (2010) como momento de rompimento definitivo com estes ideais “A filosofia da decadência torna-se cada vez mais um pensamento imediatista, centrado nas aparências fetichizadas da realidade.” (COUTINHO, 2010, p. 35).

Eis aqui um dos pontos de grande destaque no desenvolvimento da análise do autor, que permite retornar uma fase histórica determinada em que estavam dadas as possibilidades de conquistas importantes para sociedade, todavia, a materialização de uma proposta pensada sobre bases revolucionárias passou a ser permeada de contradições que culminaram no processo de ruptura com a tradição progressista e abriram caminhos para um cenário de turbulentas inversões, principalmente, no campo filosófico quando há o abandono ou ainda substituição das categorias essenciais.

O avanço do capitalismo, conforme o autor, além de destruir a divisão feudal do trabalho, transformando o servo em trabalhador livre, pautado na concepção de ampliação da liberdade humana, bem como na façanha do desenvolvimento industrial, com vistas a generalização da socialização do trabalho sob a perspectiva de integração orgânica dos diversos ramos da produção e apoiada na criação de um mercado mundial, com base numa cultura universal, ampliou as possibilidades de surgimento de novas ciências com propostas investigativas limitadas a um domínio particular, aqui mais uma das expressividades da contraversão do pensamento burguês.

Retomando alguns elementos da teoria marxista da alienação que possibilitam desvendar o contexto ora expresso, Coutinho (2010) sinaliza para as tendências alienadoras, que se configuram em condições que direcionam a objetivação da *praxis* humana contrária aos homens e, assim, “todas as relações sociais entre os homens aparecem sob a forma de relações entre

coisas, sob a aparência de realidades ‘naturais’ estranhas e independentes da sua ação.” (COUTINHO, 2010, p. 37).

O destaque do autor acerca da teoria marxista da alienação possibilita ao debate do conservadorismo identificar e entender que elementos compõem os caminhos da conservação da sociedade, já que a alienação se configura como um processo que se prolonga por todas as esferas da vida humana e não alheio a este processo o Serviço Social também vivencia os traços do pensamento conservador expressos na contemporaneidade.

Na intenção de compreender o pensamento conservador moderno, Souza (2015) acompanha este raciocínio e apresenta uma aproximação teórica que considera as características atuais do que entende como um sistema de ideias. O autor segue na análise, partindo do conhecimento que marca a crítica estabelecida no processo de renovação do Serviço Social, bem como o contato com outras correntes de pensamento como o liberalismo, utilitarismo e o pragmatismo.

Na aproximação com a particularidade do Serviço Social Souza (2015) indica que a defesa do Projeto Ético Político (PEP) se configura de forma contraditória ao movimento histórico da sociedade burguesa, o que justifica a necessidade de se fazer a crítica teórica e política acerca do conservadorismo, tanto no aspecto mais geral quanto em sua incidência na profissão.

No que se refere ao Serviço Social no Brasil, o autor aponta problematizações em quatro eixos, a saber, o neotomismo e estrutural funcionalismo, positivismo e fenomenologia, “neoconservadorismo” designado genericamente como “pós-moderno” e o conservadorismo clássico. Estas bases perpassam pela profissão enquanto expressões de uma movimentação maior configurada na estrutura da sociedade e por isso a importância em compreender os caminhos de sua permanência.

O conservadorismo clássico tem sua gênese no pós-1789 e se constitui, conforme o autor, como um sistema de ideias e posicionamento *antimoderno*, *antirrepublicano* e *antiliberal*, sinteticamente compreendido como *antiburgues* e pode ser caracterizado como “uma reação ideológica e política aos avanços da modernidade.” (SOUZA, 2015, p. 4), particularmente, se tratando do

desenvolvimento das forças produtivas, bem como das transformações das relações de produção.

Considerando a forma como o conservadorismo surge e se apresenta na sociedade, o autor chama atenção para a ação política dos conservadores, identificando a partir da interlocução com as análises de Ferreira e Botelho (2010), que o desenvolvimento desse pensamento está relacionado com o contexto da moderna sociedade de classes e se estrutura como reação ao iluminismo e as transformações advindas com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Para estes autores, “o conservadorismo valoriza formas de vida e de organização social passadas, cujas raízes se situam na Idade Média.” (FERREIRA, BOTELHO, 2010, p. 11, 12 apud SOUZA, 2015, p. 4).

Nesse sentido, a análise dos autores chama atenção para a proposta de retomada aos aspectos já vivenciados em períodos anteriores, além do destaque enfatizado no campo da religião, a aversão ao igualitarismo e o apreço as hierarquias. A valorização da organização social passada, bem como estas características que se identificam no conservadorismo contribuem, como bem ressalta Ferreira e Botelho (2010), para o avanço de justificativas que atrelam a desorganização social às mudanças da sociedade ocidental.

Para Souza (2010, p. 4-5) é neste contexto que se encontra as formulações de pensadores que podem ser considerados como fundadores do conservadorismo clássico, com destaque para Edmund Burke (1729-1797), Joseph de Maistre (1753-1821), Klemens Von Metternich (1773-1859), Benjamim Disraeli (1804-1881) e Alexis de Tocqueville (1805-1859), sinalizando para a aproximação dos princípios do conservadorismo clássico na dimensão “científica”, quando considera as sociologias de August Comte (1798-1857), Hebert Spencer (1820-1903) e Émile Durkheim (1858-1917).

Um dos aspectos destacados por Souza (2015, p. 5) trata-se das ideias conservadoras clássicas inseridas nas relações entre indivíduos, Estado e sociedade, em que o positivismo impulsionando o conservadorismo trata de reconciliar e realinhar as disputas na sociedade capitalista. Posições *antiproletárias*, defesas de instituições estabelecidas, esvaziamento das mediações no conhecimento da sociedade são algumas das tendências que conforme o autor evidenciam as formulações conservadoras.

A periodização elaborada por Souza (2015) para a compreensão do conservadorismo clássico possibilita um retorno histórico a períodos que marcaram grandes acontecimentos. De 1789 e 1914, o autor identifica o intervalo da Revolução Francesa e da primeira Guerra Mundial, de 1910 até 1960-70 a formação do pensamento conservador moderno, com preocupações acerca de explicações da vida social centralizando em temáticas como: política, cultura, burocracia, moral, filosofia.

Acompanhando as análises de Coutinho (2010) o autor evidencia que um dos traços fundamentais da *decadência ideológica* está no “*presentismo*”, ou seja, a *desistoricização* do tempo presente e aprisionamento da razão, “o conservadorismo moderno cancela a possibilidade de construção de qualquer projeto societário alternativo à sociabilidade vigente.” (SOUZA, 2015, p. 7) e assim, trata os princípios revolucionários como utópicos, numa proposta de pensamento que caminha para ideia de que se chegou ao fim da história e que não há outra alternativa.

A referida assertiva, também, foi problematizada por Mézaros (2011) na intenção de evidenciar a ideia de que não existe outra alternativa além das regras impostas pelo capital, chamando atenção para as ações e para o dilema em torno da resignação e enfrentamento, considerando o contexto de crise estrutural vivenciado pelo capitalismo, que diante de suas novas condições permite “ganhar muito mais do que algumas grandes [...] batalhas como as revoluções russa, chilena e cubana.” (MÉSZAROS, 2011, p. 795).

Para Souza (2015), a particularidade do pensamento conservador contemporâneo trata-se da dificuldade do estabelecimento de uma identidade teórica e política, pois se camuflam como progressistas. Na realidade brasileira se apresentam “recombinando, ecleticamente, propostas, valores e ideais com a nossa realidade concreta, desde finais do século XIX” (SOUZA, 2015, p. 8), recombinação que intensifica as nuances do conservadorismo mais à direita e o aproxima de ideias reacionistas, sinalizando o que o autor identifica como mutações internas.

Este contexto conforme Sousa (2015, p. 8) tem sua expressividade nas concepções orientadoras da classe dominante no Brasil, a saber, na noção do papel do Estado, liberdade civil e política, da família, da propriedade, com

desdobramentos nas tendências intelectuais e forças políticas, que embora estejam subdividas em frações e segmentos permanecem unificadas por um projeto de sociedade.

O conservadorismo moderno, como indica o autor, também apresenta particularidade relacionada a formação da autoimagem, evidenciando tendências subjetivas ao atribuir traços de personalidade, qualificam, ainda, como forma de ser ou uma atitude mental inclinado à crítica de mudanças substantivas. Para Souza (2015) esta compreensão reducionista retira não apenas o conteúdo, mas também, o significado histórico e a contradição que permeia esta corrente de pensamento quando se trata da totalidade social.

Como bem apontou Coutinho (2010) o processo de deformação ideológica das categorias essenciais é utilizado como forma vantajosa pelo pensamento decadente, que para Souza (2015), oferecem no campo do irracionalismo descrições que relacionam o conservadorismo como “força interior’, ‘temperamento’, ‘fé’, ‘espírito’, ‘instinto’, ‘disposição’, ‘inclinação pura e natural da mente humana’, entre outros.” (SOUZA, 2015, p. 9).

Na análise do autor, a elevação do conservadorismo à condição humana anula a possibilidade de debate e sua universalização passa a considerar todos os indivíduos de alguma forma como conservadores e, assim, “Resta então diluído o conteúdo do conservadorismo através da autoimagem que os conservadores produzem.” (SOUZA, 2015, p. 10). Nesta compreensão, o autor chama atenção para a concepção de conservadorismo expressa por Oakeshott (2014), considerado um dos mensageiros da atual tradição conservadora, ao evidenciar que:

[...] Assim, ser conservador é preferir o familiar ao desconhecido, preferir o tentado ao não tentado, o facto ao mistério, o real ao possível, o limitado ao ilimitado, o próximo ao distante, o suficiente ao superabundante, o conveniente ao perfeito, a felicidade presente à utópica. [...] (OAKESHOTT, 2014, p. 4,5,6 apud SOUZA, 2015, p. 10).

Para Souza (2015) este fragmento pode exemplificar o formato de sistematização evidenciado nas elaborações conservadoras que ressalta tendências subjetivas conferindo atributos da personalidade, o que permite compreender a forma como são dissolvidos os conteúdos mediante o afastamento da realidade em seu significado histórico e a transferência para o campo imaterial.

Tratando-se das características que permitem compreender as mudanças do conservadorismo moderno em relação ao clássico, Souza (2015) evidencia quatro pontos, a saber, resistência em assumir posição teórica, valorização do presente, aproximação com o pragmatismo, apresenta oposição a um tipo específico de mudança, principalmente, quando se trata daquelas advinda pela classe dominada.

Para Souza (2015) estas mudanças de significado “constrói a possibilidade para uma aproximação com o pensamento liberal.” (SOUZA, 2015, p. 11), identificando na conservação da ordem burguesa, o conteúdo objetivo histórico do conservadorismo moderno contemporâneo. Tratando-se da aproximação com o pragmatismo e a empiria, o autor chama atenção do debate para relação entre teoria e prática, uma vez que os conservadores valorizam a supremacia das experiências em detrimento do saber teórico, defendendo a ideia de que os melhores referenciais são fornecidos pela prática, já a teoria tende para a abstração.

Nesta perspectiva, Souza (2015, p. 12) destaca o uso do elemento da razão identificada como na formalização positivista relacionada a padrões e hierarquias e desta forma, desconsidera o debate proposto na tradição racional com os representantes do marxismo. Assim, “Para um conservador, a melhor imagem de ação social e política é aquela em que o sujeito persegue o ‘meio termo’, a via media entre os extremos possíveis da razão e da ação.” (SOUZA, 2015, p. 13), que para o autor, estaria na ideia de: “nem liberalismo” e “nem comunismo” a proposta da terceira via.

Soma-se a este conjunto de pensamento conservador, o tratamento concedido a expressões da contradição da sociabilidade capitalista, que conforme Souza (2015) propõe soluções reificadas expressas, principalmente, em propostas regressivas encaminhadas ao Estado e suas instituições, além de compreenderem as situações de pobreza, crime e guerra como algo natural de qualquer sociedade, o que impede os sujeitos de acessar os avanços da civilização, tal como enfatizou Coutinho (2010).

Em síntese, Souza (2015, p. 19) embora situando o caráter aproximativo e provisório das discussões, apresenta pontos fundamentais para compreender o conservadorismo moderno, a partir de características como: desistoricização

do tempo presente, aproximação com o pragmatismo, liberalismo e empirismo, priorização do saber prático, adentra na concepção de razão positivista, valorização das tradições no processo de individuação, defesa de reformas sociais que não interfira na estrutura da sociedade vigente e assim, coloca-se como forma segura de conduzir as mudanças.

Acompanhando as discussões de Coutinho (2010) e Mézaros (2011), Souza (2015), adverte que estas características sinalizam para a necessidade de se concretizar determinações que se apresentam neste contexto de crise estrutural do capital no que confere as tendências do cenário ideológico da burguesia, ou seja, é preciso compreender a forma como o conservadorismo se manifesta na sociedade e como tem se expressado no Brasil e de forma particular em áreas de conhecimento como o Serviço Social.

### **3. EXPRESSÕES CONSERVADORAS NO SERVIÇO SOCIAL**

Evidenciando aspectos do conservadorismo no Serviço Social apresenta-se como direcionamento inicial, algumas reflexões de autores que trazem o debate a partir dos fundamentos da profissão. Nesta compreensão, Yazbek (2009) ao tratar sobre os fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do Serviço Social brasileiro na contemporaneidade, chama atenção para um retorno histórico que sinaliza para as principais matrizes do conhecimento e ação. Em suas análises a autora destaca como ponto de partida a incorporação, do pensamento social da Igreja Católica e as principais matrizes teórico metodológicas, pela profissão a fim de buscar compreensões acerca dos diferentes posicionamentos existentes na história do Serviço Social.

Para esta autora, o debate perpassa pela sinalização da gênese da profissão, em que as relações estavam direcionadas para o entendimento da “questão social” enquanto um problema moral que necessitava de uma intervenção que viabilizava soluções no sentido de integrar o indivíduo a sociedade. Nesta relação, Yazbek (2009) chama atenção para os referenciais orientadores da profissão, a saber, a doutrina social da Igreja Católica e o pensamento de São Tomás de Aquino (Tomismo e Neotomismo). “orientando-se por posicionamentos de cunho humanista conservador contrários aos

ideários liberal e marxista” (YASBEK, 2009, p. 4), advertindo a autora que, resguardadas as particularidades, estas matrizes estiveram presentes na gênese da profissão em toda América Latina.

Nesse sentido, destaca Yazbek (2009) que o conservadorismo católico presente nos anos iniciais do Serviço Social no Brasil se aproxima, no decorrer dos anos de 1940, do conservadorismo norte-americano, que tem suas bases na proposta da teoria positivista. Esta proximidade encaminha para a reorientação da profissão, que diante da exigência de qualificação e sistematização se configura no que Yamamoto (1992) compreende como “arranjo teórico doutrinário”, ou seja, o discurso humanista cristão somado a teoria positivista, que “reitera para a profissão o caminho do pensamento conservador (agora, pela mediação das Ciências Sociais).” (YASBEK, 2009, p. 5).

Importante notar que o pensamento da autora chama atenção para o fato de que nem doutrinário e nem conservadorismo correspondem a teorias sociais, já que o primeiro se conforma como visão de mundo e o segundo como forma de pensamento e experiência prática. Para Yasbek (2009, p. 5) ambos se apresentam como restauradores da ordem capitalista, diferente da teoria social crítica que permite “reproduzir conceitualmente o real [...] assim sendo, supõe uma forma de autoconstituição, um padrão de elaboração: o método” (YASBEK, 2009, p. 5).

Nesse sentido, a autora sinaliza que o primeiro suporte teórico metodológico do Serviço Social foi busca na matriz positivista, caracterizando-a como uma apreensão manipuladora, instrumental e imediata do ser social e ainda, fragmentada e voltada para ajustes e conservação. As mudanças no decorrer dos anos 1960 é que irão causar inquietações e questionamentos ao Serviço Social Tradicional, diante do processo de revisão global (teórica, metodológica, operativa e política).

No âmbito dos questionamentos a este referencial é que se determina a “a necessidade de construção de um novo projeto comprometido com as demandas das classes subalternas” (YASBEK, 2009, p. 7). Conforme a autora, em meio ao movimento não homogêneo e num processo tortuoso é que, a teoria social de Marx será apropriada como Matriz teórica para o Serviço Social

na América Latina. É no decorrer dos anos de 1980 e 90 que a formação profissional e a produção de conhecimento passam a ser discutidas, com a organização de eventos acadêmicos e congressos que para Yazbek (2009), referenciando Netto (1996), se conforma na luta pela ruptura com o conservadorismo, uma luta complexa que se espraia com as transformações societárias e o desenvolvimento do capitalismo.

Somado a opção pela direção social no projeto ético político em prol da classe subalterna, o Serviço Social apresenta-se, também, no campo teórico metodológico, os conflitos com o pensamento pós-moderno, que chama atenção para as *macroabordagens* e *macronarrativas*, como se refere Yazbek (2009), reforçando as fragmentações e o conservadorismo, negadores da razão e da história.

Acompanhando estas discussões, Silveira Junior (2016) aborda a cultura pós-moderna e as implicações da sua influência para o Serviço Social no contexto de crise econômica, resgatando na análise crítica a interlocução com estudiosos vinculados a tradição marxista<sup>2</sup>, os quais em sua maioria permanecem alinhados com a perspectiva teórico-metodológica intrínseca ao Projeto Ético-Político (PEP) profissional.

Em suas discussões, Silveira Junior (2016) sinaliza para a premissa de que o referido PEP “se põe a ‘escovar a história a contrapelo’, enquanto na maré-montante do metabolismo social trafegam as racionalizações pós-modernas, endossadas pela epiderme da vida capitalista atual [...]” (SILVEIRA JUNIOR, 2016, p. 168). Esta argumentação segue no pressuposto de que o Serviço Social mediante o PEP se coloca no movimento contrário ao que se apresenta na sociedade capitalista.

Nesse sentido, o autor apresenta no primeiro eixo de discussões, alguns apontamentos para a crítica ontológica da pós-modernidade, a partir de questionamentos como: o que é a pós-modernidade? Quais as características principais do pensamento? Estas questões norteadoras permitem evidenciar a compreensão do contexto que se faz presente a ideia do conservadorismo, já que a pós-modernidade, tratando-se de forma conceitual pode ser qualificada

---

<sup>2</sup> Anderson (1999) Eagleton (1998), Harvey (2005), Wood (1999) Jameson (1996) e Callinicos (1998) no âmbito internacional e Coelho (2005), Netto (2000), Rodrigues (2006), Rouanet (2000) e Santos (2007) debatedores brasileiros. Silveira Junior (2016).

conforme o autor como a somatória de atitudes culturais sustentada na crítica à modernidade.

Para Silveira Junior (2016), embora chame atenção o fato de que alguns analistas indiquem o germe em décadas anteriores, localiza o final dos anos 1970 como momento de arrancada do pensamento pós-moderno no mundo da cultura se alastrando por diversos campos e em movimento diferenciado, o que permite evidenciar os pós-modernos da “celebração”, que defendem a ideia de que a sociedade burguesa seria o ponto final da história e os de “contestação”, que se propõem críticos ao capitalismo.

Com base nas premissas de Paulo Netto (2000) e Lukács (2000) o autor destaca que estas distinções configuram na ideia de existência de teorias pós-modernas que apresentam características importantes para compreender as principais linhas deste pensamento. Neste sentido, Silveira Junior (2000, p. 171) aponta quatro problemáticas que permitem entender as formulações do universo ideocultural.

A primeira problemática é identificada no momento em que se renuncia o programa sociocultural da modernidade, a negação da possibilidade de conhecimento do mundo mediante a racionalidade científica, ou seja, a perda da razão. A justificativa deste aspecto se encontra nas acusações pós-modernas de que no final dos anos 1970 não obtiveram respostas positivas das promessas feitas em torno da regulação racional da natureza e da emancipação, pelo contrário, vivia-se a estagnação, crise estrutural e falência das experiências socialistas, que conforme o autor foi bem sinalizado por Mandel (1985), Mézaros (2009) e Paulo Netto (2007).

A identificação desta problemática permite perceber na análise de Silveira Junior (2016) a maneira como as formulações pós-modernas caminham, chamando atenção o fato dos protestos serem legítimos, porém as soluções sinalizam para o falseamento como, também, ressaltou Coutinho (2010) e Souza (2015), já que “tal leitura ignorava que os complicadores não jaziam na ‘ideia da Razão’ ou na ‘perspectiva da emancipação’, mas no próprio desenvolvimento do mundo capitalista” (SILVEIRA, JUNIOR, 2016, p. 172).

A segunda problemática sinalizada pelo autor se encontra na intenção de abandono da emancipação e anúncio de uma racionalidade impotente, com

justificativa pós-moderna situada na predominância da informação e do conhecimento. Silveira Junior (2016) indica que nesta argumentação é possível notar o ataque a tradição marxista, identificada como adversário diante de críticas materializadas como recusa do marxismo.

A terceira problemática é sinalizada no plano epistemológico, em que se observa seis consequências, a saber, aceitação da imediaticidade dos fenômenos, a recusa da categoria da totalidade, o ecletismo como norma metodológica, dissolução da ideia de verdade, privilégio de dimensões simbólicas da vida social, rejeição da possibilidade de superação revolucionária do atual estado das coisas. Silveira Junior (2016).

A quarta problemática é identificada na ideia da combinação mencionada pelo autor como “positivismo ao avesso”, ou seja, “a afirmação da interferência dos valores e da subjetividade na constituição do saber leva a negação da objetividade do real” (SILVEIRA JUNIOR, 2016, p. 173). Nesse sentido, a tendência de pensamento caminha para a premissa de que a ordem burguesa e sua realidade derivam da dinâmica interna da Razão.

Ao considerar que o pensamento pós-moderno embora apresente soluções falsas, o autor identifica sua ligação com processos histórico-sociais concretos e dessa forma apresenta o questionamento sobre como se explica historicamente a emergência e a força de atração dessa cultura. Os argumentos de Silveira Junior (2016, p. 174) apontam para análises que consideram o estágio predominante do desenvolvimento capitalista e os agentes e complexos mediadores da reprodução social que contribuem para a socialização da pós-modernidade.

A partir destas análises, o autor destaca algumas implicações que estas influências apresentam para o Serviço Social brasileiro, considerando o cenário econômico e político atual. Nesse sentido, chama atenção para a identificação das zonas de atrito existentes entre as tendências enfatizadas e a base teórica metodológica e técnico-operativa dadas pelo PEP, no sentido de permitir a construção de alternativas diante das forças sociais conflitantes Silveira Junior (2016).

Nesta perspectiva o autor sinaliza, primeiramente, para o choque da pós-modernidade com a herança teórico-metodológica marxiana, denunciada

como ultrapassada ao trazer as conexões com a razão dialética, o humanismo e a história, emancipação e universalismo, uma resistência que, também, mencionou Souza (2015) ao se referir ao posicionamento teórico conservador. A emergência desta crítica marxista, também, está situada no Serviço Social na justificativa de uma pretensa ortodoxia que requer certa flexibilização da perspectiva teórica.

Silveira Junior (2016) evidencia que estas críticas marxiana e marxista estavam situadas na ideia de incapacidade de enfrentamento das problemáticas como as questões de gênero, cultura e minorias, objetos não trabalhados pela produção teórica da profissão nos anos de 1980, observando, assim, que a pós-modernidade trata de confrontar diretamente a referida tradição no sentido de propor uma aversão ou superação da mesma.

Ao identificar tal processo o autor evidencia os rebatimentos no Serviço Social brasileiro, considerando o legado da vertente identificada por Paulo Netto (2004) como “intenção de ruptura”. Nesse sentido, destaca a presença da base teórica marxiana do PEP, “de onde se estruturam os princípios ético-políticos vigentes, onde se assenta a direção social estratégica colocada para a prática profissional” (SILVEIRA JUNIOR, 2016, p. 178).

Sinalizando a base teórica e os direcionamentos propostos com PEP, o autor ressalta sobre o processo de infiltração do pensamento pós-moderno no Serviço Social, quer nos espaços interventivos, políticos, quanto no científico, cultivando, como se refere o autor, a orientações “individualizantes e despolitizantes”, as quais compõem o conservadorismo clássico e moderno, tal como analisado por Souza (2015).

Assim, no decorrer da década de 1990 Silveira Junior (2016) a partir dos estudos de Santos (2007) aponta que as críticas pós-modernas às elaborações marxistas apresentavam dupla origem, a saber, de raiz conservadora com a recusa ao marxismo e aquelas que reivindicavam aspectos parciais da tradição, na intenção de superar o que identificavam como lacunas. “O fio condutor de ambas as críticas ao marxismo era de ordem epistemológica, com uma clara eliminação do seu núcleo ontológico” (SILVEIRA JUNIOR, 2016, p. 179).

Ao chamar atenção para estas duas implicações da influencia pós-moderna no Serviço Social, o autor sinaliza para suas articulações com o contexto de crise capitalista, no que confere a reconfiguração da intervenção profissional, contribuindo para rearranjos das “bases de legitimidade profissional em favor das classes e segmentos empregadores [...]” (SILVEIRA JUNIOR, 2016, p. 179), o que vem a corresponder nas limitações instrumentais teóricas na análise da natureza da crise capitalista.

Em síntese o autor permite compreender que a pós-modernidade, embora incite a democracia e o anticapitalismo entre os segmentos profissionais, os deixam desprotegidos do patrimônio cultural amadurecido pela participação política da classe trabalhadora e por isso entende que mesmo o contexto de crise conferindo uma oportunidade na história de aprofundar a legitimidade do Serviço Social junto as lutas das classes subalternas, o pensamento pós-moderno o tem aprisionado com suas teorias e conceitos.

As implicações da influencia pós-moderna repercutiram no decorrer dos anos um conjunto de discussões que a exemplo da década de 1990 foram expressas nas possibilidades de leitura nos mais diversos campos da vida social. Santos (2007) ao discutir sobre o neoconservadorismo pós-moderno e o Serviço Social brasileiro, evidencia alguns elementos importantes na compreensão dos caminhos seguidos pelo pensamento pós-moderno na intenção de se firmar como alternativa às teorias sociais modernas diante da sua ineficiência.

Nesse sentido, o contexto brasileiro se apresenta, também, como proposta de análise considerando o destaque dado “que uma das ‘saídas’ apontadas pelas classes dominantes, do ponto de vista político, tem por base o neoliberalismo” (SANTOS, 2007, p. 23). A autora convida a pensar sobre a cultura conservadora que permeia o contexto brasileiro ao sinalizar fenômenos que identifica como peculiar a esta conjuntura, tal como “a conversão de intelectuais progressistas ao ideário da ordem à moda pós-moderna e a ideologia da estabilidade” (OLIVEIRA, in SADER E GENTILI, 1997, p. 27 apud SANTOS, 2007, p. 25-26), que caminha na direção de anulação das tentativas de mudanças.

Nas dimensões desta hegemonia cultural, como expressa Santos (2007) e suas determinações, particularmente à teoria social é possível perceber o reforço de valores como individualismo e competição mesclados com a distribuição e consumo. Para a autora essa mistura de aspectos liberais com as características do novo modelo de produção torna eficaz a predominância da ofensiva ideológica, que valoriza o capital e controla o trabalho.

Em meio a estas reflexões, a autora identifica, também, a maneira como “Tudo é cada vez mais mercantilizável, incluindo os males que o próprio capitalismo produz” (SANTOS, 2007, p. 29) e aqui cabe ressaltar as sinalizações para os diferentes campos onde o reforço ao conservador tem se intensificado, como: segurança, saúde, educação, mercado editorial, religiões ; “a procura de referências de vida em meio à avassaladora homogeneização cultural.” (SANTOS, 2007, p. 30 apud Braz (1997, p. 23).

Santos (2007) ao suscitar raciocínio acerca do neoconservadorismo pós-moderno, também, compreende que no cerne das atitudes de “impotência no mundo”, persistem as análises superficiais das transformações societárias que insistem em interpretar, confusamente, a totalidade como totalitarismo. Assim, sua estratégia consiste em: satanização da totalidade e das categorias universalizantes do projeto da modernidade em nome da completa ausência de perspectivas que proponham o enfrentamento da complexidade do real para além da perplexidade, da impotência ou da celebração (SANTOS, 2007, p. 40).

Partindo dessa lógica, se faz imprescindível a retomada de análises que identificam nas abordagens soltas, generalistas e abstratas, um sentido ilusório e aparente. Interpretar a realidade considerando as categorias essenciais numa perspectiva de totalidade tem consistido numa profunda luta, principalmente, por aqueles que insistem na busca da apreensão ontológica da realidade diante dos limites postos com o pensamento pós-moderno intensificado na contemporaneidade nos múltiplos aspectos da vida social.

A conexão histórica e teórica tratada no debate entre Coutinho (2010) Souza (2015) e Silveira Junior (2016), Yazbek (2009) e Santos (2007), longe de significar uma análise superada, diante da identificação e conhecimento acerca dos caminhos da conservação e como se expressa no Serviço Social, vem

trazer contribuições no sentido de chamar atenção para a necessidade de resistência a este pensamento, por esse motivo, fazer sua crítica permanece como tarefa atual e a defesa da tradição marxista e a teoria social marxiana torna-se uma possibilidade de avanço ao que está posto na sociedade.

#### **4. CONCLUSÃO**

Os estudos dos autores permitiram compreender a importância no entendimento da natureza do que se vivencia hoje como o conservadorismo, incitando, a partir de um resgate histórico, o questionamento sobre o sentido de conservar e as formas pensadas para que o alcance deste propósito se efetivasse e permanecesse na sociedade em todos os seus aspectos, considerando suas particularidades e ramificações.

Nesta perspectiva de análise espaço é concedido, também, para entender por que caminhos a pós-modernidade segue seus objetivos, abarcando influências em áreas de conhecimentos como o Serviço Social; que embora tenha vivenciado na sua história e desenvolvimento, tratando-se de países como o Brasil, embates com o conservadorismo expresso, principalmente, no que se conhece como “movimento de reconceituação” na vertente de “intenção de ruptura”, tem experimentado influências com implicações na base teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa.

As contribuições da Teoria Social no âmbito destas dimensões condizem com a construção de um Projeto Ético Político, que tem na aproximação com a classe subalterna a indicação de um posicionamento que segue na contramão da lógica capitalista e no processo de conservação protagonizado pela classe burguesa. As limitações instrumentais teóricas evidenciadas pelos autores no que confere ao pensamento pós-moderno conservador, permite identificar em linhas gerais características como: recusa das categorias de Totalidade, Razão dialética, Humanismo e História, ecletismo em sua base metodológica, priorização do saber prático, sem contar com o ataque e crítica ao marxismo.

Estas aproximações com o pensamento conservador, bem como as diferentes tonalidades pós-modernas que se fazem presentes na sociedade e tratam de apresentar uma crítica falseada da realidade, chamam atenção para

o grande desafio que está posto aos que defendem a possibilidade de busca de conhecimento mediante a Razão e alternativas para além do capitalismo, em particular, o Serviço Social que, embora vivencie no interior da categoria as expressões do conservadorismo, tem na sua história um processo luta e direcionamento social majoritariamente contrário a ordem vigente.

## REFERÊNCIAS

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. Posfácio de José Paulo Netto. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MÉSZÁROS, Istiván. **Para Além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011

SILVEIRA JUNIOR, Adilson Aquino. A cultura pós-moderna no Serviço Social em tempos de crise. **Temporalis**, Brasília, ano 16, n, 31, p. 167-187, jan./jun. 2016.

SOUZA Jamerson Murillo Anunciação de. O conservadorismo moderno: esboço para uma aproximação. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n.122, abr./jun. 2015.

SANTOS, Josiane Soares. **Neoconservadorismo Pós-Moderno e Serviço Social Brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2007.

YAZBEK, Maria Carmelita. Os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social brasileiro na contemporaneidade. In: CEFESS (Org.). **Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília, 2009.